

Ressurgir através das cinzas: uma resenha sobre “O fogo avassalador e a nova semeadura”

*Rising from the Ashes:
A Review of “The Devastating Fire and the New Sowing”*

Bianca Luiza Freire de Castro França¹ 

¹ Doutora em História, Política e Bens Culturais (PPHPBC/ CPDOC-FGV). E-mail: bianca.franca.memorias@gmail.com. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6965076686458954>.

Como citar este artigo (ABNT): FRANÇA, Bianca Luiza Freire de Castro. Ressurgir através das cinzas: uma resenha sobre “O fogo avassalador e a nova semeadura”. *Museologia e Patrimônio*, Rio de Janeiro, v. 19, n. 1, 2026, p. 289-296. DOI: <https://doi.org/10.52192/1984-3917.2026v19n1p289-296>.



Submetido em: 23 jun. 2025

Aprovado em: 11 jun. 2026

Edição: Charles Narloch, Ludmila Leite Madeira da Costa

Conflitos de interesse: Os autores declaram que não há conflito de interesses

Disponibilidade dos dados: Os dados de pesquisa estão disponíveis no corpo do documento

Museologia e Patrimônio | Rio de Janeiro | v. 19, n. 1, 2026, p. 289-296

DOI: <https://doi.org/10.52192/1984-3917.2026v19n1p289-296>

RESUMO

Esta resenha discute a obra “O fogo avassalador e a nova sementeira: museus, Antropologias e protagonismo indígena”, de João Pacheco de Oliveira, que reflete sobre o incêndio do Museu Nacional, em 2018, como metáfora da devastação institucional no Brasil e, ao mesmo tempo, como adubo simbólico para práticas de reconstrução museológica e antropológica. Dividido em seis capítulos, o livro percorre a história crítica da Antropologia brasileira, estudos de caso sobre museus indígenas e exposições colaborativas, e propõe uma reformulação ética e política das práticas museológicas e antropológicas em direção a uma museologia decolonial e dialógica. A resenha destaca o compromisso do autor com os direitos indígenas, sua crítica aos dispositivos coloniais de representação e sua aposta na coautoria, escuta e reconstrução plural dos saberes.

Palavras-chave: Museus. Antropologia. Protagonismo indígena. Descolonização. Memória.

ABSTRACT

*This review discusses the book *The Devastating Fire and the New Sowing: Museums, Anthropologies, and Indigenous Protagonism* by João Pacheco de Oliveira, which reflects on the 2018 fire at Brazil's National Museum as both a metaphor for institutional devastation in the country and a symbolic fertilizer for the reconstruction of museological and anthropological practices. Divided into six chapters, the book explores the critical history of Brazilian Anthropology, case studies of Indigenous museums and collaborative exhibitions, and proposes an ethical and political reorientation of museology and anthropology toward decolonial and dialogical approaches. The review highlights the author's commitment to Indigenous rights, his critique of colonial modes of representation, and his advocacy for co-authorship, attentive listening, and the plural reconstruction of knowledge.*

Keywords: Museums. Anthropology. Indigenous Protagonism. Decolonization. Memory.

UMA RESENHA SOBRE “O FOGO AVASSALADOR E A NOVA SEMEADURA”

Alguns povos indígenas brasileiros utilizam a técnica da coivara para sementeira de seu roçado. A palavra coivara vem do Tupi *coyurra*, que significa “queima de roça”. A técnica consiste em cortar o mato, empilhar as ramas, atear fogo, deixar queimar e adubar o solo com as cinzas. Olhar o terrível incêndio que ocorreu no Museu Nacional em setembro de 2018, para além de um evento trágico, implica em, com certo otimismo, pensar nas cinzas do museu como adubo de novas sementeiras de acervos, pesquisas e memória.

Com reconhecida trajetória no campo da Etnologia Indígena, da Antropologia Histórica e política e da Museologia Crítica, o antropólogo João Pacheco de Oliveira¹ reúne, nas mais de duzentas páginas de “O fogo avassalador e a nova sementeira: museus, Antropologias e protagonismo indígena”, publicado em 2024 pela Editora Mórula, um conjunto de ensaios marcados pela densidade reflexiva, pela oralidade ensaística e pelo compromisso ético com os povos indígenas. Ao longo de décadas, Pacheco de Oliveira consolidou-se como uma das vozes mais influentes da Antropologia brasileira, tendo atuado como professor do Museu Nacional/UFRJ, coordenador de projetos etnográficos em diversas regiões do país e articulador de ações museológicas voltadas à inclusão e ao protagonismo indígena. Essa bagagem se faz presente em cada linha da obra.

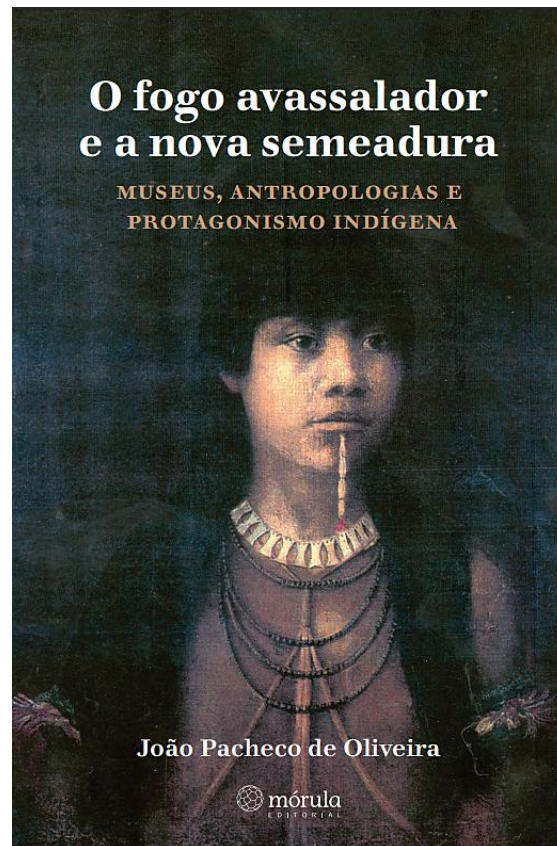
O título mobiliza uma dupla alegoria que atravessa toda a publicação: de um lado, o “fogo avassalador” do incêndio do Museu Nacional em 02 de setembro de 2018, instituição onde o autor trabalhou intensamente na curadoria de coleções, na formação de pesquisadores e no diálogo com comunidades indígenas; de outro, a “nova sementeira”, metáfora que aponta para os desafios e as possibilidades de reconstrução a partir de práticas decoloniais,

¹ Antropólogo. Professor Titular do Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro/UFRJ, Professor Visitante do PPGA/UFBA e colaborador do PPGAS/UFAM. Fez pesquisa de campo prolongada com os Tikuna, povo indígena do Alto Solimões (Amazônia Brasileira), da qual resultou sua dissertação de mestrado (UNB, 1977) e sua tese de doutoramento (PPGAS, 1986), ambas publicadas. Realizou também pesquisas sobre políticas públicas, coordenando um amplo projeto de monitoramento das terras indígenas no Brasil (1986-1994), com apoio da Fundação Ford, projeto que resultou em muitos trabalhos analíticos, coletâneas e atlas. É autor ou organizador de 22 livros e mais de 170 artigos em revistas e capítulos de livro. Orientou mais de 100 teses e dissertações no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do Museu Nacional/UFRJ e UFAM). Foi presidente da ABA (Associação Brasileira de Antropologia) e por diversas vezes coordenador da Comissão de Assuntos Indígenas. Sua área de atuação é a Antropologia Histórica, Antropologia do colonialismo, museus e coleções, e História da Antropologia. Ver mais sobre sua trajetória e obra em: <https://jpoantropologia.com.br/>.

colaborativas e transformadoras junto com os povos indígenas brasileiros. O incêndio não é tratado como um evento isolado, mas como síntese simbólica da devastação contemporânea dos direitos, das instituições públicas e das políticas culturais. Em contraste, Pacheco de Oliveira aposta na potência das reexistências indígenas, na revitalização dos museus e na reformulação das Antropologias em chave dialógica.

Dividido em seis capítulos, o livro percorre diferentes registros: análise crítica da história da Antropologia e dos museus no Brasil, contida no Capítulo 1, “Os museus no DNA da Antropologia” e no Capítulo 2, “Uma história da Antropologia no Brasil através das coleções do Museu Nacional”. O Capítulo 3 examina a história trágica do menino Bororo chamado Guido, adotado por uma dama da corte imperial brasileira, D. Maria do Carmo de Melo Rego, no século XIX, com o objetivo de educá-lo e transformá-lo em artista. Guido produziu desenhos e pinturas e teve seu retrato pintado a óleo por um artista anônimo. Esse quadro, guardado por décadas no acervo do Museu Nacional, foi destruído no incêndio de 2018.

Figura 1 – Capa do livro de João Pacheco de Oliveira, “O fogo avassalador e a nova sementeira” (2024), contendo “Guido”, pintura a óleo de autor desconhecido (c. 1892). Acervo do Museu Nacional/UFRJ.



Fonte: Site do Museu Nacional. Divulgação: Mórula Editorial. Disponível em:
<https://www.museunacional.ufrj.br/see/docs/publicacoes/o-fogo-avassalador-ea-nova-sementeira.pdf>

Pacheco de Oliveira utiliza essa história como um estudo de caso para refletir criticamente sobre os limites e dilemas da Antropologia, sobretudo quanto às relações entre pesquisador e pesquisado, alteridade e dominação. O autor demonstra como, mesmo quando motivadas por intenções benevolentes”, as ações da elite branca do século XIX (e por extensão, de muitos antropólogos modernos) estavam imersas em lógicas coloniais. Guido, mesmo cuidado com afeto e instruído, não pôde escapar do destino trágico reservado aos indígenas naquele contexto histórico.

O capítulo propõe uma leitura sensível e crítica das emoções, afetos e poderes envolvidos na produção etnográfica, denunciando como práticas de adoção simbólica, tutela ou romantização acabam por encobrir assimetrias estruturais. Trata-se de uma chamada à descolonização da antropologia, enfatizando a importância de reconhecer os sujeitos indígenas como agentes históricos e políticos e não apenas como objetos de estudo ou figuras idealizadas.

Os Capítulos 4 e 5 trazem estudos de caso etnográficos sobre a trajetória do Museu Magüta, primeiro museu indígena do país, criado pelos Ticuna, e sobre a exposição “Os primeiros brasileiros”. O Capítulo 4 aborda a criação, consolidação e reinvenção constante do Museu Magüta, localizado no Alto Solimões (AM) e idealizado pelos Ticuna, o povo indígena mais numeroso do Brasil. Trata-se do primeiro museu indígena do país, fundado e gerido por indígenas, com apoio técnico de antropólogos e parceiros institucionais.

Pacheco de Oliveira apresenta o Museu Magüta como um marco de protagonismo indígena na museologia brasileira, resultado de uma longa trajetória de luta pelo reconhecimento territorial e cultural dos Ticuna. O capítulo analisa o processo de construção coletiva do museu como parte de um projeto político e cultural mais amplo, centrado na valorização da língua, das tradições e da história Ticuna. O autor enfatiza que o museu não se limita à preservação de objetos do passado, mas funciona como espaço vivo de afirmação étnica, educação e resistência, promovendo a memória coletiva em sintonia com os desafios contemporâneos. A etnografia revela também os embates, contradições e soluções criativas encontradas pelos Ticuna para manter viva a instituição diante das adversidades.

No Capítulo 5, Pacheco de Oliveira analisa a experiência de concepção e realização da exposição “Os primeiros brasileiros”, realizada entre 2006 e 2010, que circulou por diversas capitais e depois se tornou uma exposição digital multilíngue. Organizada em parceria com Rita de Cássia Melo Santos (PPGA/Universidade Federal da Paraíba), a mostra foi construída com o

objetivo de oferecer uma narrativa crítica e descolonizadora sobre os povos indígenas do Brasil, contrapondo-se às imagens fixas e exotizantes veiculadas por museus tradicionais. A exposição buscou transformar o museu em um espaço de denúncia do preconceito, valorização da diversidade indígena e reflexão sobre os direitos e lutas contemporâneas dos povos originários. O capítulo discute os desafios de montar uma exposição que concilie estética, política e pedagogia, enfrentando o “encantamento” tradicional das vitrines museais, aquilo que o autor chama de “ilusão museal”. O texto defende que é possível produzir encantamento crítico, ou seja, impactar corações e mentes sem ocultar as estruturas de dominação e exclusão que pesam sobre os povos indígenas.

O Capítulo 6 propõe um reposicionamento radical dos museus etnográficos no século XXI. João Pacheco de Oliveira convoca seus pares e a sociedade a transformar a perda em reinvenção, promovendo uma museologia que valorize a diversidade, enfrente o colonialismo ainda presente nas instituições e estabeleça uma aliança efetiva com os povos indígenas e outros grupos historicamente silenciados. No capítulo final de “O fogo avassalador e a nova sementeira”, João Pacheco de Oliveira parte do incêndio que devastou o acervo do Museu Nacional em 2018 para desenvolver uma poderosa metáfora ampliada sobre destruição e renascimento. O fogo é apresentado não apenas como evento trágico e material, mas como símbolo de um processo mais amplo de desmonte das instituições públicas de ciência, cultura, memória e direitos coletivos no Brasil. Nesse contexto, o autor associa o incêndio à ofensiva contra os povos indígenas, ao sucateamento da universidade pública e à destruição do patrimônio ambiental e histórico.

Em contraponto, propõe o que chama de “nova sementeira”: uma reconstrução que vá além da restauração física do edifício e dos objetos perdidos, apontando para a reinvenção dos museus em bases mais democráticas, descolonizadoras e dialógicas. Para Oliveira, o museu que deve renascer não pode reproduzir os modelos elitistas e acumuladores do passado, mas precisa estabelecer alianças com as comunidades de origem de seus acervos, especialmente com os povos indígenas, tornando-se espaço vivo e comprometido com o presente e o futuro.

Ao invés de funcionar como local de preservação de coleções mortas, o museu é concebido como espaço de fluxos, de saberes, memórias e afetos, em constante renovação. Os objetos, nesse novo modelo, não são mais fetichizados como raridades, mas compreendidos como expressões dinâmicas de culturas vivas. Para tanto, é fundamental romper com o isolamento institucional e construir vínculos contínuos com escolas,

movimentos sociais, mídias e comunidades locais. Por fim, o autor defende que os museus devem estar em sintonia com as forças vivas da nação, funcionando como faróis que iluminem os caminhos das novas gerações. Em vez de perpetuarem lógicas hierárquicas e unilaterais, essas instituições devem favorecer o diálogo, a coautoria e o compartilhamento de saberes, com antropólogos, museólogos e artistas atuando como agentes de uma reconstrução coletiva e plural. Esse capítulo, portanto, funciona como um fecho ético e político para o livro: não se trata apenas de preservar o passado, mas de criar novas possibilidades de futuro compartilhado por meio da memória, da justiça e do reconhecimento da alteridade.

Um dos pontos centrais da obra está na denúncia dos dispositivos de poder que operam sob a forma de metáforas analíticas: vitrine”, laboratório”, mercado”, estetização”, através dos quais os sujeitos indígenas são recorrentemente coisificados, estetizados ou instrumentalizados, mesmo em pesquisas aparentemente críticas. Em contrapartida, Pacheco de Oliveira propõe o conceito de “comunidade de comunicação”, inspirado em autores como Karl-Otto Apel e Roberto Cardoso de Oliveira, como horizonte ético e epistemológico da prática antropológica contemporânea. Trata-se de pensar o conhecimento como co-construção e como exercício político de escuta, negociação e reconhecimento.

Com estilo ensaístico e erudito, mas profundamente comprometido com a acessibilidade e a pedagogia pública, o autor evita os jargões acadêmicos e os acenos vaidosos à teoria. O texto nasce da vivência em campo, da escuta longa, do engajamento institucional e da interlocução real com lideranças indígenas, estudantes, museólogos e movimentos sociais. É, nesse sentido, uma obra de maturidade e generosidade intelectual, que inscreve a longa trajetória do autor em defesa dos direitos indígenas e da pluralidade epistemológica.

O fogo avassalador e a nova sementeira é uma leitura imprescindível para pesquisadores, curadores, educadores, lideranças indígenas e profissionais de museus que atuam nos cruzamentos entre memória, patrimônio e justiça social. Ao conjugar crítica e esperança, descolonização e reconstrução, João Pacheco de Oliveira nos oferece não apenas uma análise contundente do presente, mas também pistas sólidas para a reinvenção do futuro dos museus e das antropologias no Brasil.

REFERÊNCIAS

APEL, Karl-Otto. A comunidade de comunicação como pressuposto transcendental das Ciências Sociais. In: *Transformação da filosofia*. São Paulo: Loyola, 2000.

CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. *O trabalho do antropólogo*. Brasília: Paralelo 15 / São Paulo: Editora da Unesp, 1998.

OLIVEIRA, João Pacheco de. *O fogo avassalador e a nova semeadura: museus, Antropologias e protagonismo indígena*. Rio de Janeiro: Mórula, 2024. Disponível em: <https://www.museunacional.ufrj.br/see/docs/publicacoes/o-fogo-avassalador-ea-nova-semeadura.pdf>.